

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

LINDA INÊS, TRAGÉDIA EM PROSA

Em *Linda Inês*, peça de teatro assinada por Armando Martins Janeira em 1957, a vida é representada nos seus momentos de exaltação e de crise e as relações humanas surgem em momentos de colisão dramática. O texto não retrata exhaustivamente o drama de amor de Pedro e Inês, mas faz prova da tragédia de que ambos foram vítimas. Apesar de o título dar a ênfase a Inês de Castro, Pedro é o grande protagonista.

Na longa introdução à tragédia, Janeira faz de Pedro uma curiosa descrição:

[Pedro] era corajoso e viril. Não se encontram nele a doçura lírica e o temperamento amoroso e errático do trovador seu avô, e muito menos esta mole palidez física e moral que os pediatras não conseguem abolir nos jovens de hoje, nem a poder de arrobas de *Ovomaltine* e litros de óleo de fígado de bacalhau. Montava os cavalos mais bravos, comia uma ceia, regada de bom vinho, a altas horas da madrugada e dormia a sono solto, sem pesadelos freudianos nem indigestões. No dia seguinte, em vez de chá com torradas, tinha para pequeno-almoço uma perna de porco bravo.

Como, por sua boa sorte, nunca se sentou nos bancos da Universidade de Coimbra – donde, no mundo realista e dinâmico de hoje, as gerações intelectuais do País saem amolecidas pelo romantismo sentimental e boémio da tradição e mentalmente ressequidas pelo dogmatismo escolástico e pelo teorismo estático e provinciano dos lentes –, possuía ideias claras e directas sobre as pessoas e as coisas, força emotiva e imaginação criadora, e pôde preservar o bom senso que todo o ser humano recebe ao nascer por simples dote da natureza.

Ao contrário de Pedro, Inês representa a fragilidade. Ela é a vítima e o centro do drama.

A verdade histórica sobre a Castro muito impressionou o imaginário português e estrangeiro e continua envolta em mistério, sendo as fontes de informação muitas vezes contraditórias entre si.

A história remonta ao ódio de Afonso IV, pai de Pedro, pelo seu irmão bastardo, Afonso Sanches, poeta e cavaleiro, querido de seu pai, o rei D. Dinis, e detentor de altos cargos na Corte. Ao chegar ao trono, D. Afonso IV desterra Afonso Sanches para Castela e só a intervenção da mãe, a Rainha Santa Isabel, evitou que lhe fossem tirados todos os seus bens.

Quando Pedro recebe o séquito de Constança, com quem ia casar, olha para uma das suas damas de companhia, Inês de Castro, e por ela se apaixona. Madrinha do primeiro filho de Pedro e Constança, Inês é, no entanto, expulsa de Portugal. Quando Constança morre durante o parto, juntamente com o seu terceiro filho, Inês regressa. Ela pertence a uma das famílias mais nobres e mais poderosas de Castela e é vista como uma ameaça à independência de Portugal.

Seguindo o conselho de sua mãe e de alguns fidalgos, Pedro vai viver com Inês para Coimbra e aí mantém uma corte. Os seus filhos são considerados inimigos futuros do reino pela corte de Lisboa.

Uma noite, estando Pedro ausente numa caçada, Afonso IV, acompanhado dos seus conselheiros e de um carrasco, aproveita para surpreender Inês. Ela conhece as verdadeiras intenções do rei e suplica-lhe que a poupe, invocando a sua condição de mãe dos netos do Rei. Num breve instante, Afonso IV hesita, mas, pressionado por Pêro Coelho, Diogo Lopes Pacheco e Álvaro Gonçalves, autoriza o assassinato de Inês.

Na *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes, a tragédia é uma peça teatral em verso que representa uma acção importante em que figuram personagens ilustres, e cujo fim é suscitar o terror ou a piedade, terminando geralmente por acontecimento funesto. Este tipo de representação nasceu com os gregos e tinha por finalidade purificar as paixões dos espectadores (a chamada *catharsis*). «Para os autores clássicos, a tragédia era o mais nobre dos géneros.»¹

Linda Inês poderá ser comparada à tragédia clássica? De facto, nela habitam os elementos essenciais da tragédia e a sua estrutura assemelha-se igualmente à da tragédia. Diria então que Janeira obedeceu aos traços da tragédia clássica e com eles escreveu uma tragédia em prosa.

A estrutura inicial da tragédia clássica grega compreendia prólogo, párodo ou entrada do coro, episódios em número de três ou quatro, estásimos ou trechos líricos

¹ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 11ª ed., 1979

executados pelo coro, e epílogo. A tragédia latina já obedece a um esquema funcional mais simplificado, resumindo-se a peça ao prólogo, a três ou quatro episódios e ao êxodo. Assim, *Linda Inês* aproxima-se mais da forma simplificada latina do que da tragédia grega. Evidente é a ausência de um coro que funcionaria como espectador privilegiado – que interpreta os sentimentos dos outros espectadores –, e como actor – intérprete das ideias do autor e actuante com os outros actores. Este coro só encontra eco nos desempenhos de Góis, secretário de Pedro, e de Mariana, criada de Inês.

A peça começa com um prólogo muito curto em que Inês confessa a Pedro os seus receios:

Tenho medo da vida... A morte está aqui ao meu lado... a roçar-me,
invisível, mas eu sei que está!

O prólogo é a apresentação do elemento gerador da acção – o Amor –, mas é nele que desde logo se revelam as inquietações de Pedro e Inês. É aqui que surge o desafio à sociedade, às leis e ao destino. O seu amor opõe-se às razões de Estado.

No Primeiro Acto, que se desenrola no Palácio Real, em Lisboa, em 1345, os conselheiros deixam antever já a morte de Inês. É a razão de Estado que não é compatível com a razão de amor. Este obstáculo ao amor é traduzido aqui pelos conselheiros, e, mais tarde, na segunda cena do Segundo Acto, pelo sonho de Inês.

O destino de Inês e dos que em torno dela giram está traçado: é a fatalidade.

A terminar o Primeiro Acto, Afonso IV opera uma mudança inesperada nos acontecimentos, declarando:

É maior o meu poder. Inês de Castro será desterrada para Espanha. E
partirá ainda esta noite.

Sobe o pano para o Segundo Acto. A acção passa-se nos Paços de Santa Clara, em Coimbra, em 1355.

O reconhecimento de um facto inesperado acontece com o pesadelo de Inês, ou o presságio da sua morte:

Estava metida no fundo dum poço, dum poço muito profundo, entre
rochedos medonhos. E os rochedos moviam-se, como se fossem coisas
vivas, com vontade própria, apertando-se contra mim, para me esmagarem.
Se tentava agarrar-me a um deles, afastava-se. Faltava-me a respiração.

Que angústia! De repente, vi-me dentro duma imensa catedral. Estava à espera de alguém, não sabia de quem, mas de alguém cuja chegada eu ao mesmo tempo desejava e temia. Tudo à minha volta era silêncio e escuridão. (...) Uma procissão de sombras ia avançando devagar, ao longo da nave, e sumia-se pelo buraco de uma sepultura, junto ao altar-mor. Vinham-se arrastando contra vontade, chorando e gemendo, fazendo-me sinais de desespero. Mas eu não ouvia som algum. Estava aterrada e queria gritar, mas não podia, não tinha voz, como se a minha boca se tivesse tornado de pedra. De repente, dei-me conta de que também eu fazia parte daquele mundo silencioso! Era horrível! Horrível! Ainda me faz arrepiar as carnes.

Este sofrimento é consequência do desafio do protagonista ao destino, e desperta a compaixão do espectador. Aqui, é a consciência de Inês que se torna palco da batalha entre as razões de amor e as razões de Estado.

A segunda cena do Segundo Acto é a mais impressionante e dramática: depois de contar o seu sonho a Mariana, Inês é surpreendida pela chegada do rei com o carrasco. O destino e as razões de Estado vencem o Amor. O clímax, ou crescendo trágico com momentos de aceleração e de retardamento, conduzirá à certeza da morte:

Inês – *(Aflita, como a lutar contra uma alucinação)* Meu Deus... devo estar a sonhar... O meu Pedro saiu esta manhã para a caça... passei o dia a costurar... é noite... chove... estou a sonhar... É um pesadelo como na noite passada...

Afonso – Não estás a sonhar, Inês; estás a encarar a realidade – pela primeira vez. A tua vida é que tem sido o sonho.

Inês – Não estou a sonhar? *(Fita Afonso com os olhos esbugalhados e aterrada.)* Não pode ser! Quereis matar-me porque amo o vosso filho? É esse o meu crime?

Afonso – Não há crime. Há leis da história, para as quais tu e eu e todos nós somos apenas as pedras dum grande edifício que um Obreiro anda a construir há milénios para fins que nos não é dado conhecer.

Inês – É então da vossa justiça matar uma inocente? *(Voltando-se para os Conselheiros)* Nobres cavaleiros, por piedade, dizei a Sua Majestade que o Rei é pai e juiz de todos nós, para nos fazer direita justiça. Envenenaram o meu Rei contra mim, por calúnias e ódios. Para quem poderei eu apelar?

Vós sois nobres e bons, não deixais matar uma mulher sem defesa, arrancar uma triste mãe aos seus filhos pequeninos... Bondosos senhores, tende piedade de mim!

O Terceiro Acto decorre na mesma sala do Primeiro Acto. Passaram-se cinco anos sobre a morte trágica de Inês. Pedro é Rei. A sua vingança traduz-se em crueldade. Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves são as vítimas. Diogo Lopes Pacheco é perdoado. Janeira é sublime na descrição das cenas dramáticas. A cena em que Pedro entrega os dois conselheiros do pai ao carrasco é brutal:

Coelho – Rei fraco, não tens coragem para te libertares do peso dum amor indigno que ainda da cova te rebaixa. A dor corroe-te por dentro como um cancro. Queres iludir a tua dor infligindo dor e tortura, afogando os debates da tua consciência no sangue e no crime. Tenho dó de ti. Porque não aguentas a tua dor como um homem?

Pedro – Vós me fizestes cruel. *(Entra o Carrasco, todo de preto, com dois punhais suspensos do cinturão, um de cada lado.)* Carrasco! Qual escolhes primeiro? *(Pedro tem um momento de hesitação, depois decide-se e aproxima-se de Gonçalves.)* Este! Quero ver se fala ou não. Quero arrancar-lhe o coração, vivo! *(Com um puxão rasga a roupa de Gonçalves, deixando-lhe a carne à mostra.)* O coração inteiro! Pelas costas, que era o lado por onde ele usava atacar. *(Descrevendo com a mão sobre o corpo de Gonçalves)* Dá aqui um corte a direito, rompe fundo para este lado *(com crescente raiva)*, rasga aqui até abaixo e arranca-lhe o coração, palpitante!

Carrasco – Vai doer como um raio, Vossa Majestade.

Pedro – Que doa! O coração inteiro! Quero examiná-lo! Quero ver onde está a monstruosidade da natureza que o fez insensível à morte duma mãe abraçada aos filhos pequeninos. *(Indicando Coelho)* A este fazes o mesmo, mas arrancas-lhe o coração pelos peitos. Depois reduces os corpos a cinzas e deita-las ao Tejo.

Coelho – Algoz! O poder corrompeu-te até às entranhas. Só já sentes prazer em gozar o terror do teu poder sobre as tuas vítimas. Carniceiro! Miserável!

Pedro – Fora! Estou farto destes cães! Executa a tortura aí em frente da varanda. Quero ver tudo bem. *(Com um riso feroz)* Vou ter um jantar divertido!

Coelho – A maldição de Deus caia sobre ti e a tua casa.

Pedro – *(Com um berro)* Todos daqui para fora!

Os dois Guardas empurram brutalmente Gonçalves e Coelho para fora. O Carrasco segue-os, majestoso. Pedro abre as portas da varanda. O sol entra numa jorrada metálica e crua e o ruído da multidão enche a sala.

Pedro, só, deita vinho num copo e olha a cena fora, absorvido, agitado por risos ferozes, que se juntam à algazarra da multidão. De repente, um silêncio absoluto. Pedro suspende a meio o copo que ia levar aos lábios. Do silêncio eleva-se um grito infantil.

Voz duma Criança, na Praça – Mãe! Arrancaram-lhe o coração e ele não deu sequer um ai!

Segue-se o epílogo. A cena passa-se na capela de S. Pedro, no Mosteiro de Alcobaça. Pedro toma de Deus o poder para coroar Inês de Castro Rainha de Portugal:

Duas pobres Crianças – (Ele e ela de traços inteligentes e vivos, rotos, os pés descalços e roxos de frio) Deus vos salve, Senhor, que sois o pai dos pequeninos que nunca tiveram pai.

Pedro – (Na mesma voz clara e mística) Quando as trombetas do Arcanjo tocarem à ressurreição da carne, então nos levantaremos e, abrindo os olhos, nos veremos cara a cara...

Um grupo anónimo de Pobres – (Numa litania, cujo murmúrio se estende pela invisível multidão) Deus vos salve, pai do vosso povo, amparo dos pobres e desamparados – confortador dos sequiosos de justiça. Deus vos salve...

Pedro – (Em êxtase, numa voz de timbre argentino) ... e juntos iremos ambos apresentar-nos ao juízo de Deus.

Pedro volta lentamente do seu transe. Recebe a coroa real das mãos do Mestre de Cerimónias e dirige-se ao trono de Inês.

A música, grave e profunda, transforma-se numa celestial harmonia de arcadas finas de violinos e de espiritualíssimas vozes, que parecem anunciar uma alvorada ansiada há muito.

Pedro – Pelo poder absoluto que tenho de Deus, eu, Pedro, te coroo, Inês de Castro, Rainha de Portugal. (Põe a coroa sobre a cabeça de Inês, enquanto todos ajoelham.)»

Linda Inês é um dos mais belos textos que já se escreveram em língua portuguesa sobre o drama de amor de Pedro e Inês desde as crónicas de Fernão Lopes.

Paula Mateus

2004

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.